

Antologia de Lucas Guerreiro



Apresentado por

Meu Lado Poético 

resumo

Sem nome, princípio ou fim

Bregastorm

V\ 's e aqueles do seu tipo

Abandonado a ser livre

Desejo à descontento

Rosa do deserto

K

Selva de pedra

Aurora e Ocaso

Pé de tucumã

Velhos inimigos

Manacapuru

Liberação da alma e do corpo #1

Liberação da alma e do corpo #2

Liberação da alma e do corpo #3

Liberação da alma e do corpo #4

Je est un autre

Be my angel

Causa mortis

Cigana

Velhos inimigos, outra vez.

Contra a mesmice de todas as coisas

Tiros

Platão

Sem nome, princípio ou fim

Noites e açoites, você diz,
ou vinho envenenado, assim o quis.
(Quando o sol amarelo amarela,
assim, nasce a querela!)

Minha aquarela já não te acompanha.
Felizes: todos que da vida não apanha.
Champanha? Campanha? Grito do Ipiranga?

Não! Apenas os rato escaldado, na
manhã de domingo, fumando cachimbo,
no igarapé, cheirando chulé,
na rua do boi, jumento com coi',
levando a maré, de tucunaré,
fresco ou salgado, frito ou mijado,
com rôz ou sem-rôz, levô um, paga dôx,
assalto ao mirante, trafica elefante,
de justo falante, mocinho da qualé, fritinho com xibé!

Condenado a escrever tais palavras,
condenado a sonhar acordado.
'nado a nascer, reproduzir, morrer.
'nado a viver sem que isso, por mim, fosse acordado.

Na dureza de tais palavras
não encontro a vida.
Na vida, não acho beleza, saúde, riqueza.

Apenas uma reclamação, uma ideia qui, otra acolá, hei de usar...

Bregastorm

Belga

Quero ser brega

E viajar por aí

Tomar açaí

Curtir com Seu Nair

Sem nem pra isso

Precisar sair

Londres

Bora pra longe

Pegar o bonde

Na praça da ponte

Preta do Conde

Espreita um folonte

Conte

Onde tá a fonte

Porque eu tenho

Viajado por aí

Tomado açaí

Beijado Nair

E ainda não saí

Praga

Traga toalha

Talhe a tralha

Pois talheres de palha

Não trabalha de pé

Senão Seu Zé

Erra na ré

Acredite

Dói mais em mim

Que fará sol lá em ti

Belga

Cansei de ser brega

De trazer a beca

Da Roberta

Que peca

Por não sair

Por aí

Assumir Seu Nair

E ainda cuspir

Na cara de quem

Só tentou agir

Bruxelas

Vou pras favela

Traficar bolacha

De motor nas viela

Num barco à vela

Onde a fivela não aperta

E quem acerta nem erra

Vai pra porrada com a Roberta

V's e aqueles do seu tipo

Ventos e vaidades.

Vazios e verdades.

As páginas perdidas não me deixam esquecer,

As notas escondidas fingem não ver:

Aquele dia há de se passar

Da mesmíssima maneira como esse passou.

Vozes vagas

Em voga vastas.

Como posso me esquecer daquele que agora grita,

Pede, chora e se anima?

Da esperança alheia mercadeja,

Da miséria alheia se farteja.

Como me esquecerei de ti

Que insiste em penetrar no lugar que já estás,

Que persiste em fazer-te voz do que não tem mais?

Tal qual Olimpíada,

Eis o poste que no cão mija!

Vinho vindouro

Vi no vitorioso.

Se o destino é comum a todos,

Quero espremê-lo em minhas mãos.

Como o sangue das uvas e açais - um produto do fim -

O prêmio daquele que não tem fim.

Abandonado a ser livre

Vejo o sol, vejo a lua,
Vejo o vento e as nuvens no céu
E não vejo nada.

De mim, estão longe.
Para mim, nada são.
Nem parente, nem amigo,
Nem vizinho ou próximo.

Nem sabem coisa alguma.
Se falo bem, se falo mal,
Não se importam, não se queixam.

Ao olhar para eles,
Já não olham de volta,
Dão-me as costas e,
Para longe, se vão.
Em estranhas elipses, seguem seu caminho.

E eu, para onde vou
Sem sol, lua ou estrelas para me guiar?
Vozes distantes dizem-me:
Construa seu próprio caminho.

Desejo à descontento

Quero um amigo, não,
Um irmão, ah sim,
Isso eu quero.

Alguém que, assim como eu,
Sinta as mesmas dificuldades,
Problemas, dores de cabeça.

Alguém que brinque
Com os mesmos torvelinhos.

Quero um irmão,
Melhor, um amigo,
Sim, é o que eu quero.

Para brigar por qualquer coisa,
Discutir por nada
E ficar chateado pela casa.

Rodeado de intriga,
Uma mão amiga.

Moço, com licença,
Um irmão e um amigo, por favor!
Sim, é pra viagem.

Ah, desisto, não quero
Mais essa lavagem,

Dá muito trabalho, sabe.

Dormir em dobro,
Comer em triplo,

Desovar em quádruplo,
Morrer em quántuplo!

Meu deus, onde eu tava
Com a cabeça quando
Desejei isso!

Caos, barulho, desordem em cítrico!

Ó moça, com licença,
Cadê aquele brother que me
Vendeu dois papagaio por um periquito?

O quê?
De licença maternidade?

Ok, só vim fazer uma devolução.
Sim, estão dentro do prazo de validade.

Mas é claro que li o Manuel de Obstruções.

Só com o gerente?
Sei, vou pra casa
Antes que caia
Essa enxurrada de monções.

Não, não há
Como fugir.
Só o que eu
Queria era alguém
Para comigo se divertir.

Uma força tempestuosa
Para tempos de guerra
E tempos de paz.

Um guerreiro poderoso
Para agora e daqui a pouco mais.

Já o achei
E o rejeitei.
Corri com medo
Assim que o encontrei.

Dentro de mim, mora.
Em meu corpo, se isola.
Para dentro e para fora
Pelo meu nome, brota.

Rosa do deserto

Oh tu que carregas o sol do meio dia
Não sejas tardia
Oh tu que dos ventos fez moradia
Não andes vadia

Antes, ilumine meu rosto
Com teu sopro
Antes, sopra em meu corpo
Com teus louros

Pois há muito vagueei
E no deserto eu busquei
A vida que só em ti encontrei

Pois água limpa há
De sempre encontrar
Aquele que te buscar

K

K é para knsado
Noites sem dormir, virado
K é para kngaço
Dias em klro no espingardo

K é para krta
Esta ki lês, okk
K é para krma
Reze para nunk precisar dumarma

Pois kual governo jamais conseguiu konter tanta violência
Kuando tudo ki keremos é um pouco de sapiência?

D a kra ao tapa
Akele kujo pé ama trapaça
Kisera eu nunk conhecer
Sr, tr, prdr

Pois kuando no prazr
Só tenho a prdr
E akele kujo podr é maior
Smpr vai vnkr

K tambm é para korno, kchorro, kthiolo
Knhoto, korpo, koroso
Smpr ke tivrs dúvida
Rkorra ao kcímbalo korrompido kolorido kreiro cheiroso

Selva de pedra

Risos, sorrisos, riscos, arrisco
Eu, à risca, tornar-te rico.
Riquíssimo em saber a dor,
Torpor, choror, rancor, mortor
Da seiva, da selva - de pedra,
Da lágrima que cai, queda, seca-se,
Da gota que sua, voa, evapora-se.

Transpiramos ao luar,
Dançamos ao solar.
Trancamos nossas portas
Rezando para ninguém nos acertar.

Bebemos nosso café
De dia para chorar,
De noite para trabalhar,
Aceitando tudo sem reclamar:

"Se reclamares, será pior" - dizem eles.
"Guarde tuas reclamações para amanhã pois
Há de ser melhor." - insistem eles.

"Amanhã não estarei vivo para reclamar", eu penso.
Penso, penso, e, logo, logo, já não mais existo.

Evaporo e fundo-me às
inconsistentes micropartículas de ar.

Já não há motivo para lutar.
Para onde foi meu luar?

Eis que desço, desço,
Corro e me afundo

Num mar tempestuoso,
Num abismo - dos mais profundos!

Apresso-me em direção ao vento.
Quero tornar-me em nada!
Pois que do nada, nada vem.
Pois então venha,
nade contra a correnteza.

Atraia-me para o sol,
Acenda a fogueira e
Prepare aquele nosso café gostoso
- aquele que só você faz.

Que os ventos do nada
Para aqui mandem esse cheiro.
Que a forte tormenta não
Apague esse teu fogo em lenha.

A tempestade passou.
Minha hora chegou.

Já não há motivos para chorar.
Enfim, achei meu solar!

À selva de pedra hei de retornar.
Brandirei minha espada,
Meu terço
E terçado - até que volte a luar.

Aurora e Ocaso

À noite, quando todas as estrelas amigas
Saem ao meu encontro em seus trajes de viuvez
E as nuvens, inimigas do calor, correm a derramar lágrimas.
Sim, deitam, todas elas, a chorar e a prantear
Rios da mais nobre nascente, aguaceiro como de fontes nivais.
E clamam, e gritam, e berram porque o sol já não é mais.

Aconteceu dele ir tirar férias no Himalaia?
Aposentou-se depois de anos de serviço?
Abandonou o posto por covardia?
Mudou-se para a galáxia vizinha?

Não! Mas dorme.
Em seu leito de morte, cercado de sombras e pavor, ele dorme.
Em trevas, veio a esse mundo.
Em trevas, despede-se dele.

Trabalhou só o dia todo
E não houve ninguém que lhe estendesse a mão.
Não conheceu amor, nem beijo de boa noite.
Tampouco reclamação ouviu-se de sua boca.
Nem seu destino foi, por ele, amaldiçoado.

À noite, quando dona lua, cercada por estrelas,
E, com estas, reunida e de mãos dadas,
Põe-se a entoar a mais remota elegia,
E seu canto coral logo se abate à terra,
Aos céus e ao inferno, então, tudo o mais se esvai.
E canta: "Vieste sozinho, assim, haverás de ir".
E me lembra que, no fim, tudo terei de perder.

Sim, no fim desse mesmo dia,
Não importa o quê, tudo perderei.

Mas eis o sol a erguer-se da sepultura.
Uma vez mais, ele se levanta, deixando para trás
As cinzas em seu ataúde. Ergue-se para construir, sozinho,
Tudo de novo pois que tudo perdera no dia anterior.

Pé de tucumã

Plantei um pé de tucumã
Próximo às colinas de Kozan
Cozido de jaca à caramelo
Jantado de manhã
Amanhã também reguei
Meu pé de tucumã
Jurei falei preguei
No roçado de Kozan

Espezinhei também meu pé
No pé de tucumã
Trotei trombei trolei
No roçado de manhã
Já no balaço vespertino
Deu me um cagaço tinino
A merenda da noite sorrino
Aos espinhos franzino
Em rebuliço furdiço trudiço
Deu em um cansado golaço
Que rino do ocaso ao acaso
Fez me mais farto
Que minino ruliçu
Quase que me infarto de manhã
Ao ver meu maceta pé de tucumã
Mais alto que todos de Kozan
Até plantar meu pé
Pé de romã maçã

Velhos inimigos

Disse adeus a todos os
Inimigos meus enquanto
Apertava a mão e abraçava
Aqueles amigos teus.

Não só de saudade vive o homem,
Mas de toda vontade inalcançável
E desejo intocável, disso viverá o homem.

Por isso, deixa o homem pai e mãe
E se fundirá ao suor do rosto, dia e noite,
E nem assim se satisfaz seu coração.

É grande o mal que pesa sobre o homem.
Grave mal vi debaixo do sol:
O chifre trocado que dói mais em mim que em ti.

Ainda assim, sinto saudades de meus
Velhos inimigos. Juntos, compuséramos
Muitos vícios, atritos, detritos e ácidos salicílicos.

Manacapuru

Águas barrentas turbulentas,
Quais areias movediças,
Criam em mim expectativas
Ao som das aves barulhentas.

Olhos castanhos são os que me prendem
Ao refletir o sol no Poente.
Ergo meus olhos e vejo
A brevidade da vida como um pensamento.

As doces gotas das chuvas de verão,
Que apagam as queimadas em meu coração,
São esperança que fazem brotar a semente
Que dias melhores virão.

Liberação da alma e do corpo #1

Ainda busco a liberação da alma e do corpo.
Agora, o morto está indo rumo ao porto,
Pois ainda não me livreí do meu conforto.

O tiro torto que te dei,
O porco que assei,
E o diabo que amassei,
Antes das dezesseis,
Não foram aceites perante o rei.

Pois nem oração, nem coração,
Salvo ao corvo, poderão servir
De libertação.

Ainda assim, busco deles a livração.
Sem privação dos meios de sustentação,
Necessários para o bem da nação -

Qual ração sem cadela e
Deserto de cidadela -
Usurpam o lucro do lampião e da canela.

Inda muito hei de falar
Dessa minha busca sem par.
Apenas fique olhando:
Quando atualizar, virei correndo
Te contar!

Liberação da alma e do corpo #2

Para que a liberação da alma seja um sucesso,
Faz-se necessário compreender três elementos.

O primeiro deles é o agora. Fator chave que,
A depender do seu grau de habilidade, requer,
Do Aprendiz, Sensibilidade e Foco.

Sensibilidade para permitir ser atingido
Pelo ambiente, penetrá-lo, tocá-lo, sem,
Contudo, misturar-se com ele.

Foco para que sua atenção não seja
Levada cativa ao passado ou ao futuro,
Mas atenha-se a essas sensações que a
Sensibilidade do Ser é capaz de tocar.

Para isso, nada melhor que treinar
Os cinco sentidos: visão, tato, olfato,
Audição e paladar.

Fazendo assim,
Quem sabe,
Um dia poderás
A alma libertar...

Liberação da alma e do corpo #3

Para que a liberação do corpo seja um sucesso,
Faz-se necessário compreender três elementos.

O segundo deles é o Amor. Fator de cura
Que dá ao Aprendiz o poder de
Fogo para combater a Escuridão.

Inspirando cuidado e expirando proteção,
Exalando essa fumaça de empatia,
Esse enxofre de adoção.

Suavemente,
Sutilmente,
Calmamente.

De dentro para fora,
De fora para dentro.

Em movimentos endotérmicos:
De si para si.

Em movimentos exotérmicos:
De si para o outro.

Fazendo assim,
Suportarás o Fardo da
Existência. Conseguirás levar
Adiante essa tu'alma
Sobrecarregada de preocupações e,
Quem sabe, poderás ser um
Feliz Viajante...

Liberação da alma e do corpo #4

Por fim, para que haja sucesso na Liberação da Alma e do Corpo, faz-se necessário que compreendas este Último elemento:

Que o elo motor do Cosmo, isto é, o Principal agente da transformação dos Mundos, é a Morte. Isso significa que para uma coisa vir a existir, ou, até Mesmo, tornar-se outra, esse elemento natural precisar estar agindo.

Não te preocupes com o dia da tua morte, caro Aprendiz. Já tratamos desse Assunto em outra hora. Nesse momento, o que importa são os mecanismos que operam a transformação da Alma e do Corpo.

Com todo o Amor que ainda tens aí dentro, olhe para si. O que esperas de si? Também olhe ao redor. O que esperam de ti? Ó, não cesses ainda. O que Podes fazer Agora? Onde seria o lugar mais apropriado para direcionares o Foco de tua atenção? Quais atitudes precisam morrer logo para que outras Nasçam a partir delas? Sem dúvida, essas que pensaste são as mais cruéis. Mas quais poderiam contemplar o fim de seus dias já?

Vês tu o triângulo equilátero desse sistema, Aprendiz?
Cuidando de si e, então, cuidando do outro. Decidindo o que vai para a Fogueira e o que vive para noutro dia juntar-se às cinzas, agora.

Fazendo assim, quem sabe um dia, completes a técnica deixada por nossos Pais. Adeus.

Je est un autre

*Entre o ser e o estar, o ir e o ficar,
Prefiro você, o outro que em mim habita.*

Be my angel

*Seja meu anjo: Traga-me as
Boas novas de salvação.*

Causa mortis

Eu

Tu

Inferno

Cigana

Cigana, eu te invoco,
Que o amor universal
Te traga até mim.

Cigana, eu te convoco,
Venhas ao meu lado dormir.

Cigana, de joelhos, imploro:
Tatues um beijo de boa noite,
Cheio de açoites, rumores,
Rubrores e ardores bem aqui.

Juro, de pés juntos e mãos atadas,
Por todos os deuses e deusas do Nada -
Que nada são e nada governam -

Juro, perante eles, que nada improperam:
Salém ficará no esquecimento e,
Hoje mesmo, teus inimigos queimarão ao vento.

Assim virei a ti e te livrarei do julgamento:
Quando sussurrares palavras de contentamento
E os prazeres e a dor que carregas em teus seios
Derem à luz o fogo que arde e nos consome,
Que nos envolve em gemidos inexprimíveis.

Assim, saberás que foi liberta e
O único jugo que levarás será
Nosso amor que a tudo preserva.

Velhos inimigos, outra vez.

Desnecessário é contar sobre
Meus velhos inimigos.

Deixei-os mofando no quarto dos fundos.

Agora, a luz que entra por
Aquela fresta ilumina o ambiente.

Deixando-o menos obscuro.

Por isso, corro como um
Desgraçado se apega à vida.

Desatando os nós do que já foi um dia.

Contra a mesmice de todas as coisas

Adjetivos não me acompanham.
Pois se não for pra tingir o céu de preto,
De nada adiantam.

Advérbios não me encantam.
Pois até que mostrem o modo de viver,
Deles hei de esquecer.

Palavras sussurradas ao léu do vento
De nada me servem, pois melhor me
fosse ficasse sem prece.

Contudo, pode ser que o verbo alado,
Tirando casaco, eleve tu'alma das
Profundezas do ser e te transportes
Té mim que não sei escrever.

Tiros

Busco os ventos da renovação
Quero tornar-me um com eles
E assim eu possa completar
A viagem do meu ser

Carrego os sonhos e desejos
Dos meus antepassados
Lembranças que não são minhas
Herdadas desde a concepção

Serei capaz de completar a carreira?
Não tenho fé em mim
Seja a luz guia para a eternidade
O eterno agora me chama

O machado está posto à raiz
Só vejo decisões e consequências
Riscos e apostas me espreitam
Dona Sorte onde estás?

Platão

Que meu espírito tome fôlego.
Inflam meus pulmões até que
Nenhum alvéolo seja encontrado
Em estado de repouso.

Frágil confiança oxigenada.
Como uma bolha de sabão,
que se perturba por nada.

Leve e passageira, porém,
Encanta por onde passa.

Meu eu ideal escapa.

Num mundo ilusório, deságua.

Pesado e eterno, porém,
Destroi por onde passa.

Durável hesitação carbonizada.
Como uma enxurrada de lama,
Não se perturba por nada.

Que meu corpo queime.
Inflamem minh'alma té que
Nenhum átomo seja encontrado
Em estado de movimento.